

O BRASIL NA NÃO FICÇÃO: *THE BRAZILIANS*, DE JOSEPH PAGE

Miriã Granato Bernardes de Araújo, Cristina Carneiro Rodrigues – Língua – Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus São José do Rio Preto.

Em *The Brazilians*, Joseph Page descreve uma série de aspectos da vida no Brasil e realiza um amplo retrato da cultura brasileira que serve como uma espécie de “guia” para leitores norte-americanos que se interessam pelo país. *The Brazilians* é uma descrição contemporânea do Brasil feita por um estrangeiro de uma cultura dominante, ou seja, é a representação do Brasil feita pelo Outro, hegemônico. O livro, publicado em 1995, é dividido em cinco partes que tratam dos seguintes temas: as origens e formação do povo brasileiro; a pirâmide do poder no Brasil; o curso da violência no país; a diversidade religiosa no Brasil e o estudo do que faz dos brasileiros “brasileiro”.

Esta pesquisa realizou a leitura e análise do prefácio, da introdução e da primeira e da última parte do livro com o objetivo de verificar como o autor, um acadêmico norte-americano, retrata e descreve o Brasil para os leitores de seu país. A pesquisa objetivou também notar se há estereótipos na representação de Page, lembrando-se que obras como esta tendem a ter importante participação na formação do imaginário estrangeiro sobre o Brasil, seu povo e cultura.

O autor, professor universitário norte-americano, enfatiza, no prefácio do livro, não se considerar um brasilianista. Esclarece que seu livro não pretende ser um trabalho acadêmico e que, mesmo sendo um professor de Direito, seus interesses acadêmicos não estão relacionados aos estudos sobre o Brasil. Esse posicionamento de Page demonstra que o autor quer que seu livro seja visto como um “relato de viagem”. Page afirma ainda que prefere se colocar como uma pessoa que foi seduzida pelo país e pelo seu povo e que tentou escrever suas impressões para não-brasileiros. Ao afirmar que foi seduzido, Page corrobora a imagem de sedutor frequentemente associada ao Brasil e ao brasileiro.

Este trabalho enfocará a quinta parte do livro, denominada “Em busca do que faz dos brasileiros brasileiro” [*In Search of What Makes Brazilians Brazilian*], que consiste de cinco capítulos: “Loucura do futebol” [*Soccer Madness*], “Deuses menores: os heróis brasileiros” [*The Lesser Gods: Brazil's Heroes*], “Novela: uma obsessão nacional” [*The Telenovela: a National Obsession*], “Na terra do carnaval” [*In the Land of Carnival*] e “O que será do Brasil?” [*Whither Brazil*]. Esses capítulos abordam características do Brasil e do seu povo e apresentam aspectos que constituiriam a “brasileiridade”, assim como as supostas preferências nacionais.

No primeiro capítulo [*Soccer Madness*], Page realiza uma extensa descrição sobre o futebol brasileiro, afirmando que o esporte, no Brasil, não é apenas um jogo, mas a personificação da brasileiridade. Ao eleger o futebol como o assunto do primeiro capítulo, Page corrobora uma idéia reiterada sobre o Brasil no imaginário estrangeiro: país do futebol. A análise desse capítulo permitiu notar dois pontos no texto de Page. O primeiro são as descrições das reações dos torcedores brasileiros que enfatizam o “loucura” do título do capítulo e o segundo é o fato do autor, no decorrer de todo o capítulo, evidenciar ao seu leitor a importância do futebol brasileiro e a mistura do esporte com a vida política, social e econômica do país.

O autor inicia o capítulo com a descrição da derrota do Brasil para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950. Segundo o acadêmico, essa derrota teria deixado o país em lágrimas de sangue [*wept tears of blood*], frustrado [*frustration*], angustiado [*anguish*] e desesperado [*despair*]. Os jogadores teriam deixado o campo como sonâmbulos [*sleepwalkers*] e os torcedores como um batalhão de mortos vivos [*a battalion of living dead*]. Essa descrição enfatiza a “loucura” colocada no título e reforça a imagem de país que respira futebol. A “loucura” do título também é enfatizada ao Page relatar a reação dos torcedores brasileiros quando o time ganhava um campeonato: “a

nation of soccer-crazed fans reached new peaks of frenzy”, “peaks of euphoria”, “the mass frenzy reaches the point of orgasm with the scoring of a goal” (p. 394, grifos meus).

Page, a todo momento, evidencia e enfatiza o poder e a influência do futebol no país e mostra para seu leitor como o esporte movimentou o Brasil. Afirma que o futebol levou a nação à depressão em 1950, à euforia entre 1958 e 1970, que contribuiu com o mal-estar gerado pelas dificuldades políticas, sociais e econômicas na década de 80 e que deu uma força para auto-estima brasileira em 1994. Afirma ainda que o futebol brasileiro saiu da decadência (1950) para o auge (1958/1970) e que essa trajetória espelhou certas tendências que ocorreram na sociedade brasileira no mesmo período. O autor comenta também que houve uma complexa inter-relação entre a trajetória da seleção brasileira e vários eventos que transformaram o país.

O autor afirma que o estilo brasileiro de jogar encantava os especialistas que o consideravam um futebol com sorriso, espontâneo, alegre, extremamente habilidoso e acrobático [*soccer with a smile, fluid, entertaining, immensely skilled and acrobatic*]. Como podemos perceber os estereótipos de “espontaneidade” e “alegria” são associados ao futebol brasileiro e, por extensão, aos brasileiros. Após a vitória de 1970, a glória foi diminuindo porque, segundo Page, a brasileiridade presente no coração e na alma do futebol brasileiro teria se tornado um obstáculo. O improviso, a criatividade, a confiança depositada no esforço individual e a falta de disciplina tornava difícil o jogo para os brasileiros. Nesse ponto as características do futebol brasileiro que eram tidas como positivas se tornam negativas. A partir dessa análise de Page podemos concluir que o fracasso do Brasil teria começado a partir do momento em que ele acreditou na sua superioridade no jogo, quando passou a ser confiante e ter auto-estima, a brasileiridade se tornou um obstáculo. Page afirma na introdução do seu livro que o brasileiro pode ser caracterizado pela sua baixa auto-estima, mas ao colocar que foi o excesso de confiança um dos fatores de fracasso do futebol brasileiro, a questão da baixa auto-estima do brasileiro parece ficar ambígua.

No segundo capítulo [*The Lesser Gods: Brazil's Heroes*], Page se propõe a descrever os supostos heróis brasileiros. O autor seleciona cinco pessoas, Alberto Santos Dumont, Vinicius de Moraes, Luís Carlos Prestes, Xuxa e Ivo Pitanguy, que refletiriam valores comuns a uma população inteira ou parte dela e simbolizariam algo que os brasileiros querem ou precisam dizer deles próprios. Ao apresentar esses heróis, Page transmite a imagem que faz do brasileiro para seu leitor, uma vez que, se esses ídolos representam valores comuns à população, representam também, de uma forma mais geral, o brasileiro. Portanto, o que for associado a esses heróis será, de uma maneira ou de outra, associado aos brasileiros.

Page afirma que Santos Dumont é uma das excentricidades brasileiras mais original e adorável, um cidadão raro [*unusual*] no quadro brasileiro de heróis nacionais. Quando coloca que Santos Dumont realizou suas conquistas no exterior, Page remete à idéia de que o herói é herói porque obteve sucesso no exterior, idéia colocada anteriormente ao se referir a Pelé. Há uma semelhança e uma diferença entre os dois que devem ser ressaltadas: a primeira é o reconhecimento estrangeiro como fator de valorização no Brasil; a segunda é que, enquanto Pelé realizou sua obra no Brasil, Santos Dumont realizou a sua no exterior. Parece haver uma certa ironia ao iniciar uma lista de heróis brasileiros exatamente com um que não realizou suas conquistas no Brasil, mas sim no exterior. Além disso, Page afirma que Santos Dumont cativou [*captivated*] os parisienses com o seu jeito, um curioso amálgama de orgulho [*cockiness*] e reserva [*reticence*], coragem [*courage*] e formalidade [*primness*]. Descreve assim, um Santos Dumont que encantou franceses com características ambivalentes, que normalmente não são associadas a um brasileiro. Pode-se questionar o que esse suposto herói brasileiro tem de brasileiro (ou do que se considera brasileiro). Mas o leitor de Page vai considerá-lo como representativo, uma vez que o autor colocou no trecho acima que o que faz com que os brasileiros tenham orgulho de Santos Dumont é o seu estilo tão brasileiro [*his style so Brazilian*]. Termina sua descrição do primeiro herói brasileiro afirmando que Santos Dumont exemplifica um misto de doçura [*sweetness*] e grandeza [*greatness*] que evidenciaria o aspecto mais sedutor da brasileiridade. Com essa afirmação Page retoma o tema da grandiosidade tratado no primeiro capítulo, mesclando-o às imagens dos estrangeiros a respeito do

Brasil e dos brasileiros: doce e sedutor.

O segundo herói descrito por Page é Vinícius de Moraes. Segundo o autor, Vinícius exalava muitas peculiaridades do Brasil, era cativante [*captivating*], tranqüilo [*easygoing*], sensual [*sensual*], musical [*musical*] e anárquico [*totally anarchic*]. O anárquico remete a idéia de país não sério e as outras características fazem parte do imaginário estrangeiro sobre o brasileiro. Page comenta que o artista não se importava com o que os outros diziam a seu respeito, era despreocupado [*carefree*] e fazia as coisas à sua maneira, características que o leitor de Page provavelmente estenderá a todos os brasileiros. O autor afirma que a relação de Vinícius com a vida seria tão direta e incondicional, tão fascinante e ao mesmo tempo tão intensa que seria impossível imaginá-lo sendo outra coisa que não brasileiro. Essa afirmação também cria uma imagem do brasileiro para seu leitor, que a relacionará a outros adjetivos mencionados sobre os brasileiros. Dessa forma o segundo herói e, por extensão, os brasileiros, seriam cativantes, amáveis, despreocupados, sensuais, anárquicos, incondicionais e fascinantes.

Luís Carlos Prestes é o terceiro herói analisado. Page afirma que, se Vinícius de Moraes era a quintessência brasileira, Prestes incorpora traços opostos à brasileiridade: racional [*cerebral*], organizado [*organized*], incondicional [*uncompromising*], uma pessoa que não demonstra suas emoções [*unemotional*], impessoal [*impersonal*] e puritano [*puritanical*]. Ao colocar que essas características não fazem parte da brasileiridade, Page coloca o brasileiro como não sendo racional, organizado e puritano e sendo pessoal e emocional. O acadêmico explica que, mesmo com uma ideologia diferente, mesmo cometendo sérios erros, mesmo se envolvendo em causas perdidas e mesmo sendo o oposto da brasileiridade, Prestes é considerado herói por apresentar traços diferentes da brasileiridade, por ter despertado a compaixão dos seus compatriotas depois da dolorosa perda de sua mulher (sentimentalismo) e, por fim, por ter obtido prestígio fora do país.

O próximo herói analisado por Page é a apresentadora infantil Xuxa. Segundo o autor, Xuxa é um fenômeno da televisão brasileira e seu sucesso é atribuído ao encanto que ela desperta nas crianças brasileiras e ao evidente apelo erótico do programa. Page comenta a tentativa mal-sucedida da apresentadora nos Estados Unidos. Segundo o autor, Xuxa não teve sucesso na terra do Tio Sam porque foi obrigada, pelo puritanismo da sociedade norte-americana, a deixar de lado seu apelo sexual. Com isso, ela estava impedida de capitalizar o que a tinha tornado um mega sucesso no Brasil. Dessa forma, o quarto herói brasileiro é uma pessoa que tem apelo sexual, é acusada de reforçar racismo, machismo e consumismo, e não foi aceita no país dos leitores de Page.

O último herói apresentado é o cirurgião plástico Ivo Pitanguy. Segundo Page, a exaltação da juventude seria um legado dos trópicos e certamente um elemento da brasileiridade e incentivaria a procura das cirurgias estéticas. Com essas afirmações, o autor deixa evidente a imagem de “juventude” associada ao país e a de preocupação com a aparência. O autor finaliza a descrição do último herói brasileiro afirmando que a admissão de Pitanguy como herói brasileiro sugere que a fama internacional pode excitar a estima dos brasileiros de todas as classes sociais [*the esteem of Brazilians of every social class*] e que não imagina Pitanguy fazendo suas cirurgias em outro lugar que não o Rio de Janeiro. Com essa conclusão, Page reforça a idéia do reconhecimento estrangeiro como determinante do status de herói brasileiro e reforça também imagens associadas aos cariocas.

As novelas brasileiras são o tema central do terceiro capítulo [*The Telenovela: a National Obsession*]. As descrições das atitudes dos brasileiros em relação à novela conduzem à imagem de “obsessão” do título: “cinemas vazios”, “telefones em silêncio” e “brasileiros sentados imóveis em frente da televisão” constroem a imagem de que o país “pára”, não funciona, quando a novela é transmitida. Ao comentar a exportação das novelas, o autor ressalta que foi a brasileiridade das novelas da Globo que as tornou atraentes para os expectadores estrangeiros, principalmente para os países do terceiro mundo. Mas, em seguida, ao colocar que a universalidade dos temas é um dos motivos do sucesso da novela, Page contradiz a afirmação anterior de que o sucesso das novelas estaria em sua brasileiridade. O autor apresenta estereótipos como “sensualidade tropical” [*tropical sensuality*], “lugares exóticos” [*exotic locales*] e “elenco multirracial” [*multiracial casts*] como fatores que contribuíram para o sucesso das novelas no exterior.

No quarto capítulo [*In the Land of Carnival*] Page discorre longamente sobre o carnaval. Para o autor, o desfile de carnaval é um evento maior de orgia e de festividades sem fim que espalha um irresistível delírio sobre o Rio de Janeiro. O autor afirma ainda que o evento incorpora metáforas de vários aspectos da brasileiridade como, por exemplo, a inversão. Essa seria, segundo Page, uma característica do carnaval, combinando a qualidade surreal de tudo que é brasileiro. O Rio de Janeiro e o carnaval carioca são tomados por Page como referência para se referir ao país, ao brasileiro e ao carnaval de uma maneira geral. Page finaliza o capítulo tentando demonstrar para seu leitor que o brasileiro é competente para executar seus projetos e o desfile de carnaval ofereceria evidências dessa qualidade.

Em “O que será do Brasil?” [*Whither Brazil*], quinto e último capítulo, Page faz perguntas sobre o futuro do país. O acadêmico descreve a cidade de Curitiba que, segundo o autor, traria algum otimismo em relação ao futuro do país por ser uma cidade ‘habitável’ [“*livable*”], “ecológica” [“*ecological*”] e uma cidade modelo. Page constrói Curitiba como um caso de sucesso e coloca a cidade como atípica das demais cidades brasileiras. A análise que Page faz de Curitiba enaltece o progresso, o planejamento urbano e a competência dos administradores públicos. O autor constrói a cidade, de forma específica, e a região sul, de forma geral, como um caso de sucesso. Essa análise que Page faz eleva características opostas às características colocadas pelo autor como constituintes da brasileiridade, como por exemplo, o improviso e a espontaneidade.

As análises desses capítulos nos permitem afirmar que a análise que Page faz sobre o Brasil e os brasileiros não desafia o senso comum a respeito do Brasil, bem como os estereótipos veiculados ao país. Page retoma e não questiona as imagens mais comumente associadas ao Brasil e seu povo, o que pode ser pela série de traços relativos à maneira de ser dos brasileiros, sempre relacionados aos encantos do país e à alegria dos brasileiros.

Referência Bibliográfica

PAGE, Joseph A. *The Brazilians*. Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company, 1995.

Bolsa: CNPq/PIBIC